

ARTES CÊNICAS *Espectáculo, que estréia hoje, começou a ser dirigido pela Internet*

Gerald Thomas critica a guerra em sua nova ópera

CLÁUDIA GURFINKEL
free-lance para a Folha

Uma ópera com teatro e dança, encenada em um museu. Assim é a nova produção do diretor Gerald Thomas, "Raw War", que estréia amanhã no Museu de Arte Moderna de Bonn, na Alemanha.

O libreto é uma colagem de textos dos alemães Ernst Junger e Carl Von Clausewitz. A música foi feita em cima desses textos por Paulo Chagas, um músico brasileiro radicado na Alemanha há 20 anos.

A ópera fala das origens da guerra e de todos os tipos de conflitos já feitos até hoje. Coloca em voga o espírito guerreiro do ser humano e o fator de que o duelo, a competição e a sobrevivência humana na-

da mais são do que uma guerra.

"O título original era 'Ogun', mas eu sugeri 'Raw War' (Guerra Crua), que, se invertida, forma a mesma frase", diz Thomas. "A ópera, na verdade, tem todos os sentidos trocados." A inversão é notada logo na primeira cena, em que uns hippies —que sempre pregaram o "faça amor, não faça guerra"—torturam soldados.

O Ogun, deus da estrada, do ferro, do metal e da caça, aparece e desaparece como se fosse um vulcão. É um ser que, assim como o holandês voador da ópera "Navio Fantasma", de Wagner, habita outro território. Quando resolve ficar na terra, é preso e levado a um campo de trabalho forçado. Com os olhos vendados, ele é obrigado,

sob a mira de armas, a fazer flexões de braço. "É uma cena provocante em que soldados de uma Alemanha branca apontam espingardas para um negro", diz Thomas.

Ogun passa a ser vítima e se torna vulnerável no meio de uma sociedade capitalista que guerreia por meio das máquinas.

Apesar da crítica feita pelo diretor, a ópera se utilizou muito do computador. Regidos pelo maestro Lothar Konigs, um tenor, um barítono e três sopranos têm suas vozes amplificadas. No palco, não haverá instrumento acústico. Os sons são todos computadorizados.

Além disso, a ópera, cantada em alemão, começou a ser dirigida pela Internet. Segundo Thomas, a posição dos oito atores no palco, a

iluminação e as alterações no cenário foram feitas "virtualmente". Ele foi para a Alemanha somente no início de maio, para dar os retoques finais à produção.

O elenco, composto por alemães, norte-americanos, suecos e húngaros, além do bailarino africano que interpreta Ogun, contracenará em um cenário que é um enorme deserto. Nele haverá 20 televisores que ficarão mostrando, durante o espetáculo, diferentes canais. Para o diretor, a guerra virou um espetáculo que as pessoas podem ver pela televisão. Vem desse pensamento a escolha do cenário.

A ópera fará seis apresentações na Alemanha e depois seguirá para Nova York. No ano 2000, Thomas pretende trazê-la ao Brasil.